

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

39, Rua do Jardim do Regedor, 41

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO: — Vincent d'Indy — Da educação musical — Vianna da Motta — Colyseu dos Recreios — Concertos — Noticiario — Bibliographia.

VINCENT D'INDY

(Notas para uma biographia)

Um musico como d'Indy não pôde ser julgado apenas pelas suas *obras praticas*, pelas suas composições; as suas tendencias e predilecções, as suas ideias e os seus proprios actos, são factores da sua individualidade artistica que nos esclarecem e explicam a sã e vigorosa originalidade de toda a sua obra e a profunda influencia que ella nos deixa.

A maneira de ver, de sentir e de julgar do artista, interessamos tanto como a sua propria obra quando, como obreiros da mesma Arte, carecemos de comprehendel-a e commental-a.

Toda a obra de Arte é um producto de tal modo subordinado á época, á raça, ao meio, á indole e particular educação do individuo, que, sem um completo e profundo conhecimento de todas essas circumstancias, não é possível attribuir-lhe *um valor* — bastante convencional, ainda assim!

As obras de genio carecem de uma longa e complicada preparação, de um aturado esforço de gerações inteiras e, se marcam muitas vezes um *termo* na historia da Arte,

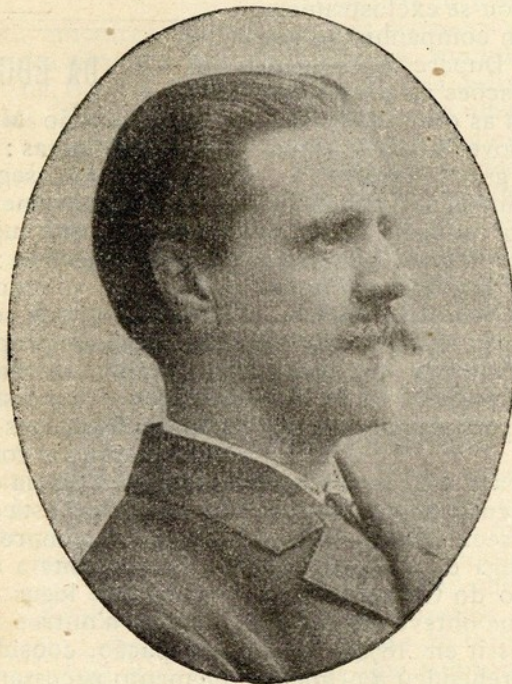
assignalam ao mesmo tempo um *inicio* — abrem novos caminhos e alargam novos horizontes . . .

Na obra genialmente perfeita de d'Indy, reconhecem-se as origens, a linhagem nobre e elevada; advinha-se a mysteriosa transformação, a admiravel selecção que se opera n'essa extraordinaria retorta que é o cerebro de um homem, e fica-se maravilhado perante a somma, perante o resultado logico e naturalmente superior, de todo esse longo trabalho de gestação. . . O que era simples aneio ou sonho, pura intenção ligeiramente esboçada em Weber, Schumann, Franck, Wagner, etc., tornou-se Forma, nitida e pura, adquiriu a maneira definitiva — obedecendo a uma vontade e enriquecendo-se com a contribuição poderosa do artista que é, seguramente, uma das maiores e das mais solidas individualidades musicas do nosso tempo.

A obra de d'Indy, longamente meditada e solidamente construida, é grande porque será duradoura; é a melhor contribuição que conhecemos para a tão desejada e já promettedora escola franceza . . .

*

Paul - Marie - Théodore - Vincent d'Indy, nasceu em Paris a 27 de março de 1851. De uma abastada familia d'Ardèche, d'Indy foi educado por sua avó, senhora de superior intelligencia e distincta amadora da Arte musical que, desde a idade dos nove annos, lhe ensinou musica e piano e lhe communicou, com desvelado amor de avó e de artista, o



gosto, a predilecção e o respeito pelos clássicos.

Nem o tempo, nem as luctas fataes e necessarias que o artista — o melhor dotado — é obrigado a sustentar, destruíram no caracter de d'Indy o traço da influencia doce e carinhosa d'esta educação feminina.

Devido aos seus rapidos e promettedores progressos, d'Indy teve Diémer e Lavignac como professores de piano e harmonia, e aos quatorze annos adquirira já, sob a direcção do primeiro, uma notavel distincção como pianista.

Destinado pela familia a seguir a carreira da advocacia, começou, sem vontade e sem gosto, os seus estudos de direito, continuando simultaneamente com aquelles professores os seus trabalhos artisticos e seguindo alguns dos cursos particulares de Marmontel.

Em 1870, no *anno terrível*, d'Indy alistou-se no 105.^o «regimento de marcha» e ouviu pela primeira vez, no forte d'Issy, a estranha *musica* das ballas prussianas... Data d'esta epoca o esquisso de uma opera, que nunca terminou, sobre o drama de Victor Hugo, — os *Burgraves*.

Terminada a guerra, abandonou de vez o curso de direito e dedicou-se exclusivamente a estudos de Arte em companhia do seu distincto amigo Henri Duparc, com quem travara as melhores relações no anno anterior. Duparc estudara já as obras de R. Wagner e ponde iniciar o novel musico nas maravilhas orchestraes do grande mestre.

Os jovens artistas, amigos e visinhos, organisaram um pequeno cenaculo onde se executaram as melhores obras, nomeadamente e com particular interesse a *Paixão segundo S. Mathcus*, de Sebastião Bach¹.

Esta admiravel oratoria tomou uma tal importancia na sua existencia que, desde então, um dos executantes ficou sendo chamado o *Evangelista* — personagem que elle representava.

Apresentado por Duparc a Cesar Franck, d'Indy completou, particularmente, com este celebre professor os seus estudos de harmonia, contra ponto, fuga e composição e, na qualidade de alumno do Conservatorio, o curso de órgão, em que obteve um segundo e um primeiro accessit em 1874 e 1875.

Em 1873 d'Indy emprehendeu a primeira das suas numerosas viagens artisticas; percorreu a Allemanha onde, durante dois mezes, seguiu as notaveis licções e conferencias de Liszt, em Weimar.

A primeira obra de d'Indy executada em

Paris foi *l'Ouverture des Piccolomini* (mais tarde, com sensiveis modificações, a 2.^a parte da *Trilogie de Walenstein*) nos concertos Padeloup, em 1875

Desejando aprofundar os seus estudos orchestraes, d'Indy foi, durante 5 annos, *timbalheiro* e chefe de còros nos concertos Colonne, fundando em 1871, com Franck, Castillon, Fauré, Saint-Saens e Duparc, a *Société Nationale de Musique* de que foi mais tarde, secretário e presidente.

Em 1876 fez executar nos concertos Padeloup *l'Ouverture d'Antoine et Cléopâtre* e sob a direcção de Bussine, uma *Symphonie en 3 parties* na *Société Nationale de Musique*. D'Indy foi um dos *tres francezes* que assistiram, n'este mesmo anno, á 1.^o representação do *Ring der Niebelungen*, em Bayreuth...

Começam os annos de activa e fertil producção; evidencia-se e affirma-se a marcha reflectida do artista, possuidor da sua Arte, constantemente preocupado com a independencia de produzir, — de evolucionar livremente.

(Continúa).

F. DE L.

DA EDUCAÇÃO MUSICAL

A Educação Musical comprehende duas partes distinctas: o conhecimento pratico, «mão d'obra», segundo a frase de Liszt, de qualquer instrumento (violino, piano, etc.);¹ conhecimento, cuja acquisição exige largos annos de estudo: educação da vista e das mãos que só com um trabalho assiduo e quotidiano póde ser conservada; e a educação musical propriamente dita, isto é, a comprehensão das obras escriptas pelos mestres e a possibilidade de produzir outras, senão eguaes porque isso não se aprende, pelo menos correctas, intelligiveis, e accessiveis á média dos espiritos cultos. A primeira parte d'esta educação tem por fim lêr; a segunda comprehender e crear.

Ultimamente a musica tem adquirido um importante logar na educação geral. Abandonada n'outros tempos ás pessoas sem occupação, considera-se hoje como o complemento necessario de toda a educação esmerada; poucas familias, mesmo entre as menos abastadas, se encontram, onde não haja um piano em que as creanças se exercitam á porfia; e pode-se constatar que a invasão dos pianos na classe burgueza tem seguido sempre, apezar dos gracejos e apo-

¹ Foi só mais tarde, em abril, de 1874, que Lamoureux, o mallogrado director de orchestra, fez executar no circo dos Campos Eliseos, esta obra sublime.

¹ A voz considerada como instrumento, entra n'êta categoria.

dos que o caso provoca, uma progressão ascendente.

Dado o impulso, os virtuosos teem-se multiplicado, havendo-os até da mais tenra idade; estimulados por professores, cujo numero augmenta incessantemente, incitados pelos concursos, saraus e outras festas promovidas pelas casas de educação ou mesmo pelos proprios professores, certos discipulos adquirem um grau de habilidade mecânica incontestavel. Mas a sua intelligencia musical estará desenvolvida na mesma proporção? . . .

Não o acreditamos, e parece-nos que os professores intelligentes e perspicazes teem a mesma opinião.

Este adormecimento das faculdades intelligentes dos discipulos que M. Mathis Lussy notou já no principio da sua interessante obra: *Exercícios de piano que o discipulo deve escrever*, deriva de causas diversas. M. Mathis Lussy indica uma d'ellas em termos tão justos que não podemos deixar de reproduzir integralmente o que elle escreve.

Discutindo o methodo seguido infelizmente por um grande numero de professores, diz:

«Esse methodo consiste em apresentar ao discipulo exercicios admiravelmente feitos sem duvida (Czerny, Ravina, Bertini, Kessler Hummel), mas exercicios já feitos. Fazem-lh'os lêr, tocar, tornar a tocar, velam cuidadosamente sobre a posição das mãos, a dedilhação, etc.; e quando o discipulo chega a executar materialmente bem esses exercicios, considera-se que a obrigação do professor está preencheda.

Mas se interrogarem o discipulo sobre os principios da musica, se lhe pedirem a menor producção, ou mesmo a analyse do mais insignificante trecho, a resposta será nulla.

Porque? porque lhe exercitaram a vista, os sentidos as faculdades puramente mechanicas, e não a intelligencia; porque esquecendo que o discipulo é dotado de intelligencia, sentimento e vontade, não puzeram em acção estas forças creadoras. » «Não o fizeram adquirir o menor sentimento do compasso, do rythmo, da tonalidade, da modalidade, das modulações; nenhuma noção dos principios da harmonia, da transposição, da dedilhação; não possui, em uma palavra, idéa da sciencia musical. Fizeram d'elle um leitor de musica mas não um verdadeiro musico »

Esta passagem encerra ao mesmo tempo a critica e o remedio; expõe o quadro da rotina, e, por deducção, indica o programma que se deve seguir. A's noções da sciencia musical apresentada sob uma fórmula elementar, juntaremos desde o principio um curso

de solfejo: estudo do som pelo primeiro de todos os instrumentos, a voz humana, estudo obrigatorio. A producção do som pela larynge, ferindo o ouvido e impressionando todo o organismo, é a base propria do ensino musical, e achamos pouco logico applicar uma creança ao estudo de um instrumento quando ella não sabe produzir uma melodia com a propria garganta.

E' impossivel que a vista comprehenda a melodia que não se canta. Não é aos olhos que attinge o som, mas ao ouvido e á larynge. Ha cantores que não podem ler mentalmente uma melodia sem a «sentir cantar ¹» na larynge; era preciso que succedesse o mesmo com todos os discipulos, e só depois de um curso racional e graduado de solfejo é que elles chegarão a possuir essa tão apreciavel sensibilidade musical.

O curso de solfejo é portanto a base do ensino.

Junta-se-lhe o conhecimento completo da theoria; depois o estudo do som em si mesmo: quer dizer na sua disposição successiva ou melodica (estudo da melodia e de todos os seus recursos — idéas melodicac — suas formas, seus desenvolvimentos), na sua disposição simultanea ou harmonica (accordes, modulações, cadencias). E' necessario que o discipulo possa dizer depois da leitura de uma peça de musica, qual é o tom principal d'esse trecho, que modulações passageiras ou fixas elle contém, que accordes são empregados; qual o córte da composição, a idéa inicial e as idéas accessórias que d'eila derivam e a circumdam.

Para crear uma obra musical, por muito simples que seja, o auctor seguiu um plano, um methodo: é o que importa descobrir; procurar conhecer os elementos d'esta construcção para saber apresental-a por meio da pratica executiva. Se nós tratassemos de reproduzir uma pequena obra de architectura, procuraríamos tomar-lhe as dimensões, a disposição, transportaríamos o todo para um plano figurativo que nos serviria de guia para reconstruir o modelo dado; é este plano que se deve procurar em cada composição musical, é a parte interessante e intelligente do trabalho.

O que sobretudo não se deve perder de vista é que os exercicios mechanicos são um meio e não um fim. São um meio de reproduzir com perfeição as maravilhosas construcções sonoras elevadas pelos grandes mestres; a recompensa da assiduidade n'esse trabalho quotidiano consiste justamente no prazer que de nós se apodera e nos transporta quando conseguimos repro-

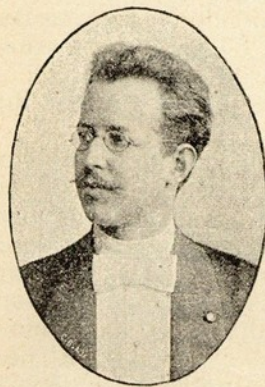
¹ Da linguagem e da musica: Stricker pag. 2-4 e passim.

duzir com perfeito reconhecimento, com intelligencia, com respeito e amor, as paginas immortaes que elles nos deixaram.

M. de Morneval, traducção por ERNESTO VIEIRA.

GALERIA DOS NOSSOS

VIANNA DA MOTTA



MUITO se tem discutido sobre a influencia do meio. Seja como fôr, o que é certo é que o meio não pôde dar o que a natureza recusou. «Nascitur, non fit».

Acima da minoria que constitue a camada superior da intellectualidade de um povo, apparecem de quando em quando homens

extraordinariamente dotados que são a gloria e o orgulho d'uma nação, por isso que marcam a altura a que pôde attingir o genio da sua raça. Vianna da Motta pertence a estes talentos privilegiados. Basta ouvi-lo tocar uma peça de Bach para logo descobrir as altissimas e solidas qualidades do genial artista, servidas por uma technica absolutamente perfeita. Execução admiravelmente equilibrada e ponderada, apoiada em um notavel sentimento de rythmo, sempre attenta a todos os promenores, mas sem nunca perder de vista o plano geral, a idéa mãe, superiormente illuminada pela luz d'uma intelligencia vasta e penetrante, e vivificada por viril e sincera emoção.

O publico que se deixa influenciar pelos tocadores espalhafatosos ou sensacionaes acha Vianna da Motta frio e sêco, mas os verdadeiros artistas e aquellas pessoas que são capazes de comprehender e gozar uma execução repassada de sinceridade e de sentimento intimo, esses têm um prazer completo escutando Vianna da Motta.

Certos pianistas extraordinarios impressionam, deixando a lembrança de terem sido «vistos»; Vianna da Motta pertence ao numero dos que nunca esquecem de terem sido «ouvidos».

Como compositor, Vianna da Motta attingiu, principalmente no Adagio da sympho-

nia «Patria», uma altura lyrica absolutamente notavel. Esta formosa composição que o Orpheon Portuense se orgulha de ter executado pela primeira vez, fez no Porto e no Rio de Janeiro profunda impressão. E' de esperar que o grande artista continue a sua carreira ascencional de compositor, e isto é tanto mais para desejar quanto no seu robusto talento e fina emoção se revela grande affinidade com a musica popular portugueza.

B. V. MOREIRA DE SÁ.

COLYSEU DOS RECREIOS

Bohème, Trovador, Rigoletto, Dinorah, Palhaços, Cavalleria rusticana, Favorita, Fausto, Traviata e Othello foram as operas cantadas durante estes ultimos quinze dias no Colyseu dos Recreios.

A *Bohème* já foi cantada sete vezes desde o dia 15 até hoje, attrahindo sempre numerosa concorrência; têm sido noites de calorosos applausos para Dolores d'Arroyo, Colombini, Lanfredi. Mestres, Puiggener e Walter, que dão á opera um desempenho que não envergonharia theatros de primeira ordem.

A sr.^a Wermez, sempre muito apreciada nos trechos em que pôde fazer brilhar os seus primorosos trabalhos de vocalisação, teve na *Dinorah* e *Traviata* mais duas noites de entusiasticos applausos.

Bohème e *Othello* foram as duas operas que durante a ultima quinzena interessaram mais os frequentadores da vasta e magnifica sala do Colyseu. O *Othello* teve hontem um desempenho que impressionou agradavelmente o numeroso auditorio e confirmou os bons creditos da companhia.

Vae em breve entrar em ensaios a *Serrana*, do nosso laureado maestro Alfredo Keil. Estão para isso vencidas as maiores difficuldades, sendo a principal: resolver alguns dos principaes artistas a estudar a opera. Scenario e guarda-roupa virão do theatro de S. Carlos.

3o de maio.

ESTEVES LISBOA.

CONCERTOS

Hernani Praga reuniu no domingo 20 em sua casa um intimo auditorio, que foi regalado com intima musica. Elle mesmo fez

ouvir no piano o preludio do «Parsifal», magistralmente interpretado com aquella perfeição e minuciosidade extremas que fazem d'elle o mais consciencioso professor.

As mesmas qualidades ostentou no trio em ré de Beethoven (obra 70), executado com Gerschey e M.^{me} Elisa von Stein (Weinlich), assim como a esplendida sonata de Grieg (obra 45), em que Andrés Goñi mostrou tambem a sua já reconhecida competencia como mestre sério e violinista impecavel.

Completaram o programma D. Delphina Pinto, que executou as mesmas peças ouvidas no ultimo concerto da Academia, e M.^{me} von Stein, fazendo-se apreciar n'uma melodia de Saint-Saens e n'um adagio de Devorak; admiravel a primeira, adoravel a segunda.

E se um programma tão elevadamente artistico fizesse desejar mais alguns minutos de boa musica superiormente interpretada esse desejo não podia ter ido mais longe nas suas aspirações do que admirando a ex.^{ma} sr.^a D. Sarah Marques, que—*hors d'œuvre*— se fez apreciar mais uma vez n'um trecho de Chaminade e outros do seu repertorio, tão finamente escolhido e com tanta alma cantado.

Hernani Braga acompanhou todos os solos, com aquella discreção de um mestre que não é simplesmente um concertista.

*

No mero desejo de manter n'esta secção a feição de estatística que lhe temos diligenciado imprimir, consignemos a *matinée d'élevés* que a considerada professora portuense D. Thereza Amaral realisou a 24 do corrente mez no palacete do sr. José Teixeira Braga, no Porto.

*

Em 25, deu o *Orpheon Portuense* a sua ultima festa na presente época.

Com exito não inferior ao das precedentes, realisou-se a 3.^a audição de musica de camara moderna, constando o programma de:

I — *Trio-Noveletten*, op. 59, de Th. Kirchner.

II — *Quartetto*, op. 21, de Rabl.

III — *Trio*, op. 92, de Saint-Saëns.

Os executantes foram as sr.^{as} D. Helena Dagge, D. Leonilda Moreira de Sá e D. Virginia Suggia (piano), Moreira de Sá (violino), D. Guilhermina Suggia (violoncello) e Jacintho Secco (clarinete), sendo este ultimo instrumento empregado unicamente no Quartetto de Rabl.

Ao fechar o cyclo das festas do *Orpheon* fez o publico portuense uma imponente e

commovedora ovação a Moreira de Sá, de todo o ponto merecida e justa pelo assombroso trabalho civilizador a que o illustre artista se tem dedicado na capital do norte.

D'aqui enviamos tambem uma sentida saudação ao laborioso professor.

*

A *Sociedade artistica de Concertos de Canto*, cuja fundação se deve, como é sabido, ao requintado bom gosto e entusiastica tenacidade da sr.^a Condessa de Proença, continúa trabalhando activamente para desenvolver a musica vocal entre nós.

Agora, no domingo 24, veio a publico apresentar o resultado dos seus esforços e foi, como era natural, acolhida com applausos e flôres por um selectissimo auditorio a que S. M. a Rainha D. Amelia se dignou presidir.

Começou o concerto com o *Stabat Mater* de Pergolesi, de que já aqui nos occupamos largamente e que é uma obra sempre interessante para o nosso publico. O desempenho da famosa Sequencia foi confiado á sr.^a Condessa de Proença-a-Velha (soprano), M.^{me} Sarti (contralto), Affonso de Sousa (orgão), a um numeroso côro de vozes femininas e a uma orchestra d'arcos, sob a intelligente direcção de Alberto Sarti.

Foi muito cuidada a execução e se houvessemos de especialisar alguma cousa, confessariamos que nos fizeram uma funda impressão os solos *Quæ moerebat*, *Vidit suum* e *Eia Mater*, que os illustres cantores comprehenderam e traduziram admiravelmente.

Os coros merecem tambem todos os nossos louvores; não se pode exigir mais firmeza, mais unidade e melhor afinação do que as gentis coristas patentearam n'aquelle brilhante *Inflammatum* e acima de tudo na fuga *Fac, ut ardeat*, cuja repetição foi calorosamente sollicitada.

E antes de passar adiante, permitta nos o sympathico grupo de amadoras que lhe digamos mais uma vez que a muitos deixa uma penosa impressão a pronuncia italiana do latim, n'um paiz onde tal pronuncia não é usada, nem mesmo conhecida.

Perdoém-nos esta pequena observação que nasce unica e exclusivamente do muito interesse que o auctor d'estas linhas professa pela promettedora instituição.

A 2.^a parte do programma abriu com a aria *Lascia ch'io pianga* de Haendel, cantada pela sr.^a D. Ermelinda Cordeiro, seguindo-se-lhe o *Arioso* do Tannhauser pelo sr. José Pinto da Cunha e a *Ave Maria* do Othello, em que a sr.^a Viscondessa de Almeida Araujo poz os primores da sua intelligente dicção. Tiveram os tres illustres amadores basta colheita de applausos e bem

merecidos, lastimando-se porém que o 2.º numero fosse prejudicado pela leviandade com que a orchestra acompanhante procedera ao trabalho previo da afinação. N'um caso d'estes em que o solista só se pode salvar de um cataclysmo imminente pelo sangue frio e pela firmeza de afinação que manteve brilhantemente apesar da situação difficil em que o collocaram, pôde e deve a critica honesta lavar o seu protesto e estamos certos que ninguem haverá que lh'o leve a mal.

Terminou o segundo concerto da Sociedade de canto com uma novidade muito interessante e que calou por tal forma no espirito do publico, que teve de ser repetida na integra. O titulo d'esta nova composição é *A la porte du cloitre* e deve-se na parte musical á penna fecunda e inspirada do grande compositor scandinavo Eduardo Grieg. Consiste em um palpitante dialogo de soprano (Viscondessa de Almeida Araujo) e contralto (D. Clara Sarti), terminando por um suggestivo côro de freiras, d'um grande effeito.

E' de Björnson este delicioso poemeto, a que o notavel musico norueguez juntou as tintas mais frescas da sua rutilante e variada paleta.

Com respeito á execução não podemos dizer senão *Muito bem*, merecendo no emtanto especiaes agradecimentos a illustre professora D. Clara Sarti que, para preencher uma repentina lacuna, não hesitou em sacrificar a sua sympathica voz n'uma *tesitura* que não podia deixar de lhe ser incommoda.

*

Na noute de 27 do corrente teve logar no palacete do nosso illustre amigo, o sr. Antonio Ferreira Marques, uma festa musical de character muito intimo, a que concorreram alguns dos nossos melhores artistas e amadores.

Reunião eminentemente distincta como todas as que se dão n'aquelles hospitaleiros e artisticos salões.

A sr.ª D Sarah Marques mimoseou os seus convidados com uma esplendida execução da cavatina da *Semiramis* e de outros trechos de varios auctores.

Além d'isso o maestro Andrés Goñi tocou varios trechos, Alfredo Napoleão composições suas e uma Rapsodia de Liszt, e Antonio Duarte, o nosso illustre collega do *Seculo*, que se tem ultimamente manifestado talentoso violoncellista, executou alguns trechos no seu instrumento predilecto.

Tocaram-se tambem fragmentos do *Trio* em ré menor de Mendelssohn e um trio de piano, harmonium e violino, tomando parte

n'estas peças *d'ensemble* as sr.ªs D. Ernestina Barros Freixo, D. Maria e D. Adriana de Magalhães, e os srs. Andrés Goñi, Antonio Duarte e Julio de Magalhães.

Uma recepção encantadora a que vieram dar ainda maior realce duas sympathicas cantoras debutantes, as sr.ªs D. Laura Sauvinet Bandeira e D. Maria Magalhães, discipulas de M.ªmª Vieira Marques, que n'esta phase nova, evidenciou mais uma vez o altissimo nivel do seu talento.

NOTICIARIO

Do Paiz

Na noute de 21 e 23 do corrente mez tiveram logar no *Club de Lisboa*, ao Calvario, as primeiras audições da opera portugueza de Antonio Gonçalves da Silva Taborda, sobre um poema do sr. João Pinto Ferreira, intitulado *A Reliquia*.

Despretenciosa na polyphonia, essencialmente melodica na forma, tem a nova composição do maestro portuguez trechos verdadeiramente inspirados e alguns mesmo cuja structura não hesitamos em classificar de magistral. Entre estes ultimos o esplendido concertante do 3.º acto e o final do ultimo que julgamos mais que bastantes para consagrar um compositor: e se não especializamos os que são puramente melodicos é porque os ha em grande abundancia em toda a partitura, e alguns deliciosos.

A circumstancia de ter o sr. Taborda adoptado na construcção musical da sua obra uma architectura um pouco *vieille* não nos parece motivo para que a critica imparcial faça o mais leve reparo; o que houve, a nosso vêr, foi uma errada adaptação da *obra ao meio*.

N'um bonito theatrinho, como o do Calvario, conviria, julgamos nós, uma comedia musical, mesmo uma comedia-drama, mas qualquer cousa de leve, de mimoso e gentil, cuja acção se não perdesse n'um passado de mais de 3 seculos, como se dá na nova opera do talentoso professor portuguez.

A *Reliquia* é uma peça de *capa e espada* que só se poderá apreciar vantajosamente n'um grande teatro, com uma scena espaçosa e uma grande massa choral; além d'isso é preciso que a distancia venha auxiliar os effeitos da perspectiva, que não são para desprezar, como sabemos. Por isso suppomos que a obra do sr. Taborda teria tudo a ganhar se fosse apresentada n'um outro meio mais consentaneo com a feição caracteristica do poema e mesmo com as exigencias da peça.

Devido aos esforços dos auctores e do illustre professor Guilherme Ribeiro, que durante longo tempo ensaiou quasi toda a parte vocal, poudé a execução attingir um relativo apuro e tornar-se quasi sempre digna dos calorosos applausos com que foi acolhida, isto principalmente na 2.^a audição que foi sem duvida alguma mais aprimorada.

Os cantores solistas que tomaram parte na obra foram as sr.^{as} D. Isaura Callado, D. Delphina Victor e os srs. Emilio Monteiro, José Avelino Baptista, Paulo do Quental, Alfredo Barros e Luiz Motta. Todos na medida das suas forças, trabalharam denodadamente pelo bom exito da tentativa e por isso os felicitamos sem distincção.

A orchestra e especialmente os còros, em que figuravam quasi exclusivamente amadores, tambem merecem o nosso applauso, pela boa vontade que puzeram no desempenho do seu trabalho.

Ao illustre compositor e nosso amigo, o sr. Antonio Taborda, dadas as restricções que a nossa já conhecida franqueza não podia occultar, enviamos um sentido bravo, comprimentando-o pela bem merecida ovação de que foi alvo.

*

No proximo dia 5, deve chegar a Lisboa, o nosso querido amigo e illustre violinista Cecil Mackee.

Seja bemvindo.

*

Do nosso admiravel pianista José Vianna da Motta, que como todos sabem se acha em Berlim professando a sua adorada Arte, recebemos uma dadiva que tem para nós um incalculavel valor — uma photographia sua com amabilissima dedicatória e algumas notas autographas da sua grandiosa ode symphonica *A Patria*, que foi executada no Porto com o mais brilhante exito ha alguns annos.

Agradecemos ao illustre artista a sua gentileza.

*

No theatro de S. João do Porto, por occasião da festa commemorativa do Centenario do Brazil tocou uma orchestra de 60 executantes o imponente poema symphonico *Avé, Libertas*, do illustre compositor brasileiro Leopoldo Miguez, director do Conservatorio Nacional de Musica, da capital federal.

Esta grandiosa composição obteve, ao que dizem os jornaes do Porto, um exito sobremodo lisonjeiro.

*

Em todos os estabelecimentos artistico-musicaes de uma certa importancia e muito especialmente nos Conservatorios officiaes, nunca deixa de existir um grande Orgão de

tubos, destinado á leccionação e á audição das obras dos grandes mestres.

No nosso Conservatorio, que tem uma tão bella sala de concertos, não se tornará indispensavel a adaptação de um orgão ao fundo do estrado?

E não será tambem inadiavel a criação de uma aula de Orgão, agora que parece querer tomar um bom caminho o desenvolvimento da arte musical no nosso paiz?

Recommendamos o assumpto ao meretissimo Director de Instrucção publica e temos esperanza que, no seu elevado criterio e fino gosto artistico, diligenciará prover á falta apontada.

Do Estrangeiro

Em 6 d'este mez realisou-se em Bruxellas a ultima audição da *Societé Symphonique des Concerts Ysaye*, tomando parte o illustre compositor e concertista francez Camille de Saint-Saëns.

D'este ultimo tocaram-se a 2.^a Symphonia, os poemas symphonics *La jeunesse d'Hercule* e *Le rouet d'Omphale*, o terceiro Concerto para rebeca, a fantasia *Africa* para piano e orchestra e a *Marcha heroica*; assim, quasi todo o programma foi consagrado a Saint-Saëns, que conjunctamente com o famoso violinista belga, foi alvo de estrondosas manifestações.

*

Estão decididamente em moda as conferencias sobre musica e no estrangeiro estão-se tornando frequentissimas.

Na *Sorbonna* onde todo o genero de discursos e lições se podiam esperar, meos as que se relacionassem com a musica, tem feito o illustre musicographo francez Arthur Pougin uma serie de conferencias do mais alto interesse, em que varios assumptos artisticos são tratados com incomparavel proficiencia e meticulosidade.

A ultima versou sobre Gretry, analysando-se a obra d'este mestre sob todos os aspectos e prestando-se alguns cantores a executar a titulo de exemplo algumas das suas composições.

*

Em Vienna e em Budapest, celebrou-se com grande solemnidade o 70.^o anniversario natalicio de Carlos Goldmark, o notavel compositor hungaro.

Lastima o *Menestrel* que se não tenha aproveitado a occasião para publicar o catalogo thematico da vasta obra de Goldmark, como se fez com Brahms, ainda em vida d'este celebre compositor.

*

Por iniciativa de Carlos Malherbe, archivista da Opera de Paris, vae abrir-se em 15

de julho na grande galeria d'aquelle theatro uma curiosa exposição de Autographos musicas que terá a mesma duração que a propria Exposição Universal, de que constituirá por assim dizer um annexo.

Esta exposição será dividida em duas partes distinctas : uma, retrospectiva, destinada aos autographos dos compositores mortos antes do 1.º de janeiro d'este anno ; a outra, contemporanea, reservada aos compositores que viviam ainda n'essa data.

A entrada será absolutamente gratuita.

*

A epoca italianna do Theatro imperial de Vienna estreiou-se com uma brilhante representação da *Fedora* de Giordano, em que os protogonistas foram os artistas já nossos conhecidos, Bellincioni e De Lucia. O publico acolheu muito bem a peça e fez, especialmente no 2.º acto, uma calorosa ovação áquelles dois artistas, chamando tambem quatro vezes á scena o proprio compositor.

*

A nova opera de Mascagni *Le Maschere*, será representada em tres theatros simultaneamente e pela primeira vez ; na Scala de Milão, no Costanzi de Roma e na Fenice de Veneza.

Tem um prologo ou apresentação, no genero da dos *Palhaços*, mas em prosa, não posta em musica ; encarregar-se-hão de recitar esse prologo tres dos mais notaveis actores italianos.

BIBLIOGRAPHIA

Não tem faltado entre nós compositores de valsas, e a nossa bibliographia musical é relativamente abundante, quasi em excesso, n'esse genero.

Não é elle difficil nem exige dotes singulares : algum ouvido e um pouco de instincto musical bastam para encontrar tres ou quatro periodos de melodia quadrada, reminiscencias mais ou menos evidentes de outros identicos, e juntar-lhes a constante e monotona harmonia dos accordes da dominante e tonica — «sol e dó», como pittorescamente e com tanta propriedade lhe chama o nosso povo.

Mas, como sempre succede, o exercicio e a concorrência teem produzido aperfeiçoamento, e já não são muito raras as valsas firmadas por auctores nossos conterraneos, que apresentem certa distincção de formas, recordando um pouco aquella elegancia que fizeram a fortuna dos Strauss.

Por esse genero, e revelando logo onde

chegaria, começou o nosso mais phantasioso e audaz compositor, aquelle que melhor e mais proficuamente tem trabalhado para a arte nacional : Alfredo Keil.

Guardo preciosas recordações d'esses saudosos tempos de aprendizagem : os «Olhos negros», a «Morenita», a «Aurora», etc.

Por isso quando vejo uma composição de qualquer principiante, por muito insignificante que ella seja, reparo sempre com interesse, não para o seu valor intrinseco, mas para o que se poderá esperar de quem a fez.

A originalidade n'este caso é questão secundaria e raras vezes em foco ; o importante para apreciar, se apparece, é a habilitade na assimilação e o gosto na escolha dos elementos assimilados.

Estas considerações foram-me suscitadas pelas primeiras obras de um novo auctor de musica dansante, Carlos Stuart Torrie : prenderam-me sobretudo a attenção tres valsas, intituladas «Flores nocturnas», «Vogando» e «Helena», as quaes contem signaes certos de gosto apurado. Constituem essas tres composições uma auspiciosa promessa merecedora de applauso e incitamento.

Incitamento que principalmente faça trabalhar deveras quem tanto promette, levando-o a obter primeiro do que tudo os conhecimentos technicos necessarios para exprimir sem embaraço nem auxilio estranho as ideas proprias, visto que realmente as tem.

*

Outra valsa, e esta de uma senhora que deseja tambem experimentar-se na carreira de compositora, acaba de ser muito recentemente publicada pela casa editora Lambertini.

Recommendal-a pela novidade, julgamos util para as gentis pianistas avidas de novidades no genero.

A auctora, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Luiza de Siqueira Pery Furtado, fez já em tempo publicar uma outra valsa — «Julita» — que obteve um grande exito.

A *Arte Musical* agradece aos illustres professores Bernardo Moreira de Sá e Francisco de Lacerda, a brilhante collaboração com que n'este numero a distinguiram.